



Artigo original

A MARCAÇÃO DO ASPECTO COMPOSICIONAL ATRAVÉS DE EXTENSÕES VERBAIS EM CINYANJA

Geraldo Macalane 

Faculdade de Letras, Universidade Rovuma-Nampula, Moçambique

RESUMO: O Aspecto constitui um dos domínios mais complexos e controversos da linguística moderna, facto que se justifica pela existência de várias perspectivas de abordagem desta categoria, desde as tradicionais, centradas no Aktionsart, ou significado inerente do verbo, às mais actuais, orientadas para a composicionalidade. O presente estudo, baseado nas teorias composicionais de Verkuyl (1989) e Moens (1987), tem como principal objectivo compreender o papel das extensões verbais na marcação de valores aspectuais em Cinyanja. Especificamente, a pesquisa visa (i) identificar os morfemas de extensão que actuam como operadores de marcação de valores aspectuais em Cinyanja; e (ii) explicar as transições que se operam de certas categorias aspectuais para outras, em consequência da incorporação de morfemas de extensão nas formas verbais. O estudo é marcadamente descritivo, baseado em itens linguísticos do Cinyanja, extraídos a partir de uma pesquisa bibliográfica. Para o tratamento de dados, privilegiou-se a análise de conteúdo. A pesquisa conclui que alguns morfemas de extensão em Cinyanja, quando incorporados na estrutura do verbo, desencadeiam modificações, não só ao nível sintáctico, mas também no domínio semântico-aspectual, onde (i) Processos Culminados, Culminações e Estados são convertidos em Processos; e (ii) Processos Culminados, Processos e Culminações são convertidos em Estados.

Palavras-chave: Aspecto composicional, Cinyanja, extensões verbais.

THE EXPRESSION OF THE COMPOSITIONAL ASPECT THROUGH EXTENSION MORPHEMES IN CINYANJA

ABSTRACT: Aspect is one of the most complex and controversial domains of modern linguistics. This fact is justified by the existence of several perspectives of approach to this category, from the traditional ones, centered on Aktionsart, or the inherent meaning of the verb, to the most current, oriented towards compositionality. This study, based on compositional theories from Verkuyl (1972) and Moens (1987), aims to understand the role of verbal extensions in the expression of aspectual values in Cinyanja. Specifically, the research is conducted to (i) identify the extension morphemes that act as aspectual value marking operators in Cinyanja; and (ii) explain the transitions that occur from certain aspectual categories to others, as a result of the incorporation of extension morphemes in verb forms. The study is descriptive, based on linguistic items from Cinyanja, extracted from a bibliographic research. For data treatment, content analysis was privileged. The research concludes that some extension morphemes in Cinyanja, when incorporated into the verb structure, trigger modifications, not only at the syntactic level, but also in the semantic-aspectual domain, where (i) Culminated Processes, Culminations and States are converted into Processes; and (ii) Culminated Processes, Processes and Culminations are converted into States.

Keywords: Compositional aspect, Cinyanja, verbal extensions.

Correspondência para: (correspondence to:) macalane@gmail.com / gmacalane@unirovuma.ac.mz

INTRODUÇÃO

O aspecto constitui um dos domínios mais complexos e controversos da linguística moderna, facto que justifica a existência de várias perspectivas em torno da abordagem desta categoria, desde as tradicionais, centradas no Aktionsart, ou significado inerente ao verbo (representadas por Kenny, 1963 and Vendler, 1967), às mais actuais, orientadas para a composicionalidade, onde se destacam autores, como Mourelatos (1978); Verkuyl (1972, 1989); Moens (1987); Dowty (1979) e Smith (1991) e Macalane (2009).

A abordagem do Aspecto restrita ao significado inerente ao verbo tem sido objecto de várias críticas por parte de muitos autores, principalmente pelo facto de não dar conta de alterações semântico-aspectuais que uma mesma forma verbal pode sofrer, em face da co-ocorrência quer com sintagmas nominais, quer com tempos gramaticais, quer com adverbiais. Por exemplo, Mourelatos (1978, p. 421) já havia chamado atenção de que “o verbo em si não marca nenhuma categoria relevante, havendo, por isso, seis factores envolvidos na marcação aspectual: (a) o significado inerente ao verbo, (b) a natureza dos argumentos do verbo (sujeito e objecto), (c) os adverbiais, (d) o aspecto, (e) o tempo como fase, por exemplo, o perfeito e (f) o tempo como marca do passado, presente ou futuro”.

As observações de Mourelatos (*op.cit*) e outros autores associados à abordagem composicional do Aspecto inspiraram o presente estudo, que desta feita pretende compreender o papel das extensões verbais na marcação de valores aspectuais em Cinyanja. Especificamente, a pesquisa visa (i) identificar os morfemas de extensão que actuam como operadores de marcação de valores aspectuais em Cinyanja; e (ii) explicar as transições que se operam de certas categorias aspectuais para outras, em consequência da incorporação de morfemas de extensão nas formas verbais.

Apesar de as gramáticas tradicionais se limitarem a estudar a categoria Tempo, sem fazer referência ao Aspecto, na Linguística moderna estas duas categorias são consideradas indissociáveis, razão pela qual qualquer estudo que tenha por objecto estudar o Tempo deve incorporar questões sobre o Aspecto e vice-versa (CUNHA, 1998). Desta forma, nas linhas que se seguem são apresentadas definições das duas categorias gramaticais, as divergências e relações que se estabelecem entre si.

Tempo e Aspecto

Tendo como base o eixo temporal, Comrie (1976, p. 1-3) considera duas formas principais de se relatar uma situação: “uma consiste em descrever a situação relacionando-a com um ponto ou segmento da mesma linha temporal, enquanto a outra relata a situação tendo em conta a sua constituição temporal interna. A primeira forma caracteriza o *Tempo* e a última diz respeito ao *Aspecto*”.

Assim, de acordo com o mesmo autor, “o Tempo relaciona o momento da ocorrência de uma situação com o momento do discurso; o Aspecto indica as diferentes formas de se conceber a constituição temporal interna de uma situação” (COMRIE, *op cit*, p. 2-3).

Para Macalane (1993), esta perspectiva parece concordar com a de Lyons (1977, p.707), segundo a qual “o Aspecto diz respeito ao Tempo, mas em termos de contorno ou distribuição

temporal de uma situação e não a sua localização no Tempo”. De facto, o que se depreende destes dois pontos de vista é que o Aspecto e o Tempo constituem duas formas de perspetivação das dimensões temporais: a *interna* e a *externa*, respectivamente. Porque o cerne desta pesquisa é o estudo da composicionalidade aspectual marcada por meio de extensões verbais, nos pontos que se seguem abordam-se algumas questões relacionadas com o Aspecto.

O Aspecto

Centrado na perspetivação das eventualidades ou situações, o Aspecto é abordado sob diversos pontos de vista. Algumas perspectivas de tratamento do Aspecto enfatizam o significado aspectual inerente, i.e, *aktionsart* (por ex. KENNY, 1963; VENDLER 1967); outras distinguem o Aspecto expresso pela via gramatical do Aspecto lexical (por ex. COMRIE, 1985; LYONS 1977); outras ainda encaram o aspecto como uma categoria composicional ou estrutural (por ex. MOURELATOS, 1978; VERKUYL, 1972/89; MOENS, 1987; DOWTY, 1979; SMITH, 1991).

Em meio a diferentes tipologias de tratamento do Aspecto acima referidas, o presente texto faz referência apenas às tipologias de Verkuyl (1989) e Moens (1987), por terem uma implicação directa nas diferentes questões que se vão abordar ao longo de toda a pesquisa.

Verkuyl (1989)

A característica fundamental da classificação das eventualidades por Verkuyl é a sua natureza composicional, razão por que se designa de CAT (Composicional Aspectual Theory). Com efeito, Estados, Processos e Eventos resultam da interacção entre a informação semântica do verbo e a informação semântica expressa pelos seus argumentos (SNs).

Dois noções desempenham um papel fundamental nesta ontologia aspectual: Por um lado, SQA (Specified Quantity of A) – propriedade associada aos argumentos do verbo, que determina a especificação ou não da entidade denotada pelo núcleo do SN. O sinal (+) indica que o argumento SN está especificado, determinado ou quantificado, enquanto o sinal (-) representa a não especificação, ou seja, indeterminação do SN. Por outro lado, ADD TO é uma propriedade relacionada com os verbos, que dá conta da sua dinamicidade. Desta forma, e através desta propriedade, podem distinguir-se verbos caracterizados por [+ADD TO] – os verbos de processo e de evento – dos verbos marcados por [-ADD TO] – os estativos.

A ontologia tripartida de Verkuyl (1989) pode resumir-se do seguinte modo:

NP	-SQA	+SQA
Estado	Processo	Evento
V	-ADD TO	+ ADD TO

Moens (1987)

Em primeiro lugar, Moens (1987) distingue Eventos de Estados, o que corresponde à diferença entre situações dinâmicas e situações estáticas. Os Eventos são concebidos como eventualidades cujo fim é preciso, enquanto os Estados são ilimitados.

Por outro lado, dentro dos Eventos, destaca-se a diferença entre situações indivisíveis ou atômicas e situações extensas. Os eventos atômicos são *Culminações* e *Pontos*, enquanto *Processos* e *Processos Culminados* são eventos extensos.

Há dois pontos principais a serem tidos em consideração nesta classificação: (i) a concepção do evento a partir de sua estrutura interna e (ii) a possibilidade de um verbo poder ter diferentes significados aspectuais, de acordo com sua combinação com os outros elementos que ocorrem na frase.

No que diz respeito à concepção do evento com base em sua estrutura interna, Moens (*op.cit*) constituiu o Núcleo Aspectual, que representa todas as fases atribuídas a um evento completo: o *processo preparatório*, o *ponto de culminação* e o *estado consequente*.

Relacionando as quatro categorias de eventos com as três fases do Núcleo Aspectual, podemos concluir que os *Processos* são os eventos constituídos apenas pela fase do processo preparatório; os *Processos Culminados* são constituídos pelas três fases apresentadas; as *Culminações* integram as duas últimas fases (ponto de culminação e estado consequente); e, finalmente, os *Pontos* são constituídos apenas pelo ponto de culminação.

O outro ponto principal desta taxonomia aspectual é a Rede Aspectual, ou seja, a possibilidade de um predicado ser associado a outros elementos da frase, tais como, argumentos, expressões temporais e adverbiais, dando origem a diferentes valores aspectuais.

Extensões verbais

Radical extenso é aquele que apresenta um morfema de extensão na sua estrutura silábico-morfológica, conforme ilustram os exemplos em (1).

- | | | | |
|--------|---------|----------------|----------|
| (1) a) | -kinis- | ‘fazer dançar’ | ‘Tsonga’ |
| b) | -wil- | ‘morrer por’ | ‘Yawo’ |

Contudo, para que um determinado radical seja tido por extenso, é necessário que tenha alguma relação com o radical simples, a partir do qual se formou. Portanto, o radical extenso não passa de uma variante extensa de um mesmo radical simples (MATSINHE, 1998). Considerem-se os dados em (2).

- | | | | | |
|--------|---------|-------------------|----------------|----------|
| (2) a) | -kin- | (Radical simples) | ‘dançar’ | (Tsonga) |
| b) | -kinis- | (Radical extenso) | ‘fazer dançar’ | |

A partir destes exemplos, pode-se verificar que o radical simples *-kin-*, ao se transformar em extenso *-kinis-*, conserva a sua semântica, à qual se acrescenta uma nova ideia.

Os elementos que se obtêm pela subtração do radical simples ao extenso com ele relacionado chamam-se *extensões* verbais ou simplesmente *extensões* (MATSINHE, 1998). A seguir, apresenta-se a tabela 1, que indica as diferentes extensões verbais que ocorrem em Cinyanja, sua semântica e influência na sintaxe dos verbos:

TABELA 1: Descrição das extensões verbais na língua nyanja

Extensão	Realização	Semântica	Influência sintáctica
Passiva	<i>-iw-/-ew-, -w-</i>	Sujeito da frase é paciente da acção.	Diminui o número de argumentos do verbo
Aplicativa	<i>-il-/-el-</i>	A acção é dirigida a favor de, para, através de, por meio de...	Aumenta o nº de argumentos do verbo
Pseudo-passiva	<i>-ik-/-ek-</i>	Passiva falsa, i.e., sem agente	Diminui o número de argumentos do verbo
Causativa	<i>-its-/-ets-</i>	Uma coisa/pessoa faz com que outra coisa/pessoa faça algo	Aumenta o nº de argumentos do verbo
Intensiva	<i>-is(is)-/-es(es)-</i>	Processo realizado com uma certa intensidade	Mantém o número de argumentos do verbo
Reversiva	<i>-ul-/-ol-</i>	Processo contrário ao outro	Mantém o número de argumentos do verbo
Perfectiva	<i>-ilil-/-elel-</i>	Processo tido como exagerado, i.e., feito demasiadamente	Mantém o número de argumentos do verbo
Estativa	<i>-ik-/-ek-</i>	Passagem de um objecto ou ser de um estado para outro	Aumenta o nº de argumentos do verbo
Recíproca	<i>-an-/-an(an)-</i>	Acção feita reciprocamente entre dois sujeitos	Diminui o número de argumentos do verbo
Associativa	<i>-an-/-angan-</i>	Ideia de associação	Mantém o número de argumentos do verbo
Repetitiva	<i>-(et)etel-</i>	Acção frequente	Mantém o número de argumentos do verbo

Fonte: Autor

Feita a descrição das extensões verbais, na pesquisa corrente a atenção especial será dada ao impacto que algumas extensões exercem na expressão de valores aspectuais, quando incorporadas na forma verbal, ou seja, as extensões que transformam os Processos Culminados, Culminações e Estados em Processos; e aquelas que convertem os Processos Culminados, Processos e Culminações em Estados, na esteira de Moens (1987).

METODOLOGIA

O estudo é de natureza descritiva, baseado em itens linguísticos do Cinyanja, os quais foram extraídos, por um lado, a partir de uma pesquisa bibliográfica feita sobre uma vasta gama de fontes, entre manuais escolares, dicionários e livros de contos escritos nesta língua, e, por outro, com base na introspecção do autor, que é falante nativo da língua em estudo.

Para o tratamento de dados, privilegiou-se a análise de conteúdo de formas verbais diversas, do ponto de vista da informação aspectual que transmitem, quer a partir do seu significado inerente, quer com base na interacção que estabelecem com outros elementos com os quais co-ocorrem. À luz da perspectiva de Minayo (2007), a análise de conteúdo obedeceu fundamentalmente a três fases, a

saber: (i) pré-análise, que consistiu na exploração do material por meio de várias leituras (neste caso, a atenção especial estava reservada às formas verbais com diferentes tipos de valência); (ii) exploração do material, onde as formas verbais foram agrupadas e categorizadas de acordo com sua informação aspectual inerente; (iii) tratamento de dados, onde foram feitas associações das formas verbais aos diferentes tipos de morfemas de extensão, com vista a extrair as informações aspectuais que transmitiam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Marcação do Aspecto Composicional através de Morfemas de Extensão em Cinyanja

Tal como se viu na secção anterior, os morfemas de extensão, para além de provocarem modificações nos significados das formas verbais em que são incorporados, alteram a valência dos verbos. Para efeitos do presente estudo, acresce-se mais uma consequência da inserção destes morfemas, designadamente, a transição de certos tipos de categorias aspectuais para outros.

Com efeito, considerem-se os dados apresentados na Tabela 2.

TABELA 2: Transformação de Processos Culminados, Culminações e Estados em Processos

Eventualidades de base	Eventualidades convertidas
<i>Processos culminados</i>	<i>Processos</i>
(1) <i>kusoma kalata</i> ‘ler uma carta’	<i>kusomelana makalata</i> ‘ler cartas de um para outro’
(2) <i>kucheka cicheko</i> ‘fechar a porta’	<i>kuchekelela chicheko</i> ‘trancar a porta aos gonzos’
<i>Culminações</i>	<i>Processos</i>
(3) <i>kugwa</i> ‘cair’	<i>kugwetsela</i> ‘fazer cair em direcção a um ponto’
(4) <i>kuchokomola</i> ‘tossir’	<i>kuchokomolela</i> ‘tossir repetidamente’
<i>Estados</i>	<i>Processos</i>
(5) <i>kufunda</i> ‘estar quente’	<i>kufunditsa</i> ‘aquecer’
(6) <i>kukwiya</i> ‘estar zangado’	<i>kukwiyilana</i> ‘zangar-se mutuamente’

Fonte: Autor

Na Tabela 2, encontram-se listadas como eventualidades de base Processos Culminados, Culminações e Estados, os quais foram convertidos em Processos, por meio de operações que se descrevem a seguir:

Em (1) – (2), estão patentes Processos Culminados, caracterizados por constituir eventos únicos e completos, i.e., contêm os três elementos do Núcleo Aspectual de Moens (1987), designadamente, fase preparatória, ponto de culminação e estado consequente. Outra particularidade inerente a Processos Culminados é que uma parte do evento não implica todo o evento. Por exemplo, *kusoma kalata* ‘ler uma carta’ é verdadeiro se, e só se, a carta tiver sido lida na sua totalidade, e não uma parte dela. Abaixo, apresenta-se a estrutura aspectual dos Processos Culminados em referência:

(1) *kusoma kalata* ‘ler uma carta’ [SQA] + [+ADD TO] + [SQA]

(2) *kucheka cicheko* ‘fechar a porta’ [SQA] + [+ADD TO] + [SQA]

Dos dados acima descritos, depreende-se que as formas verbais *kusoma* ‘ler’ e *kucheka* ‘fechar’ têm na sua estrutura argumental dois espaços a serem preenchidos, a saber: o de argumento

externo, à esquerda do verbo [SQA], e o de argumento interno, à sua direita [SQA]. Para dar conta desta estrutura, seguidamente se apresentam frases exemplificativas em (a) e (b).

(a) *Abambo asoma kalata* ‘o pai leu uma carta’ (Processo Culminado)

[+SQA] + [+ADD TO] + [+SQA]

(b) *Mwana wacheka chicheko* ‘a criança fechou a porta’ (Processo Culminado)

[+SQA] + [+ADD TO] + [+SQA]

Conforme ilustram os exemplos acima, em (a), a forma verbal *asoma* ‘leu’ é [+ADD TO], subcategorizando um SN argumento externo definido [+SQA] *Abambo* ‘o pai’ e outro argumento interno também definido [+SQA] *kalata* ‘uma carta’. Desta associação, resulta o Processo Culminado *Abambo asoma kalata* ‘o pai leu uma carta’.

Em (b), o Processo Culminado *Mwana wacheka chicheko* ‘a criança fechou a porta’ deriva de uma operação onde intervêm a forma verbal *wacheka* ‘fechou’ [+ADD TO], o SN argumento externo definido [+SQA] *Mwana* ‘a criança’ e o argumento interno também definido [+SQA] *chicheko* ‘a porta’.

Na segunda coluna da Tabela 2, os Processos Culminados aqui em análise foram transformados em Processos, que se indicam em (1) e (2):

(1’) *kusomelana makalata* ‘ler cartas de um para outro’ [SQA] + [+ADD TO] + [SQA]

(Processo)

(2’) *kuchekelela chicheko* ‘trancar a porta aos gonzos’ [SQA] + [+ADD TO] + [SQA]

(Processo)

Com vista a dar explicação sobre as alterações que estas eventualidades sofrem, ao serem convertidas em Processos, apresentam-se, de seguida em (c) e (d), as construções envolvendo as formas verbais *kusomelana* e *kuchekelela*:

(c) *Nsikana ndi m’nyamata akusomelana makalata* ‘a menina e o rapaz estão a ler cartas

um para outro’ [+SQA] + [+SQA] + [+ADD TO] + [-SQA] (Processo)

(d) *Abambo akuchekelela chicheko* ‘o pai está a trancar a porta aos gonzos’

[+SQA] + [+ADD TO] + [+SQA] (Processo)

Na construção em (c), a incorporação na forma verbal dos morfemas de extensão applicativa *-el-* e recíproca *-an-* e do prefixo progressivo *-ku-* torna a acção descrita como estando em curso, portanto, [+ADD TO]. Associado a isso, a eventualidade é atética devido à ocorrência do SN argumento interno não determinado [-SQA] *makalata* ‘cartas’, apesar de os dois SNs argumentos externos estarem determinados [+SQA]: *nsikana* ‘a menina’ e *m’nyamata* ‘o rapaz’.

Quanto à construção em (d), embora os SNs argumentos externo (*abambo* ‘o pai’) e interno (*chicheko* ‘a porta’) sejam [+SQA], a incorporação na forma verbal [+ADD TO] do morfema de

extensão perfectiva *-el-* e do prefixo progressivo *-ku-* fazem com que o evento seja interpretado como estando em curso, ou seja, atélico, sendo por isso um Processo.

Em (3) – (4), ainda na Tabela 2, ocorrem Culminações, através das formas verbais *kugwa* ‘cair’ e *kuchokomola* ‘tossir’, cuja estrutura aspectual se descreve em (3) e (4).

(3) *kugwa* ‘cair’ [SQA] + [+ADD TO]

(4) *kuchokomola* ‘tossir’ [SQA] + [+ADD TO]

Com vista a dar conta das propriedades das Culminações apresentadas em (3) – (4), são indicadas, de seguida, as frases exemplificativas em (e) e (f):

(e) *Ntengo wagwa* ‘a árvore caiu’ [+SQA] + [+ADD TO]

(f) *Mwana wachokomola* ‘a criança tossiu’ [+SQA] + [+ADD TO]

No enunciado em (e), está patente uma Culminação, i.e., um tipo de situação que ocorre de forma instantânea, não contendo fase. A Culminação é assim constituída pela forma verbal dinâmica [+ADD TO] *wagwa* ‘caiu’, que selecciona um SN argumento externo determinado [+SQA] *ntengo* ‘a árvore’.

Por seu turno, a Culminação em (f) é constituída igualmente pela forma verbal caracterizada pelo traço dinâmico [+ADD TO] *wachokomola* ‘tossiu’, que subcategoriza um SN argumento externo determinado [+SQA] *mwana* ‘criança’.

No entanto, as Culminações anteriormente descritas foram convertidas, na segunda coluna da Tabela 2, em Processos, que se apresentam em (3’) e (4’).

(3’) *kugwetsela* ‘fazer cair em direcção a um ponto’ [SQA] + [+ADD TO] +[SQA]

(4’) *kuchokomolela* ‘tossir repetidamente’ [SQA] + [+ADD TO] +[SQA]

Observando os dados acima, a primeira constatação que se pode fazer é de que, em (3’), a incorporação no verbo dos morfemas de extensão causativo *-ets-* e aplicativo *-el-* não só adiciona fase (duração) ao evento, como acrescenta um argumento interno ao predicado.

A outra constatação é de que, em (4’), a incorporação na forma verbal do morfema de extensão aplicativo *-el-* dá lugar à transformação do evento pontual num tipo de situação que ocorre de forma iterativa. Paralelamente a isso, regista-se também o acréscimo de um argumento interno ao predicado.

Para uma melhor compreensão das transformações descritas nos parágrafos anteriores, preste-se atenção às construções em (g) e (h):

(g) *Ntengo akuwugwetsela kumpana* ‘a árvore está a ser feita cair para o quintal’

[+SQA] + [+ADD TO] +[+SQA]

(h) *Mwana wakuchokomolela buledi* ‘a criança está a tossir para (que lhe dêem) pão’

[+SQA] + [+ADD TO] +[+SQA]

De facto, o que acontece, tanto em (g) como em (h), é que os verbos, tendo incorporado na sua estrutura as extensões causativa/aplicativa e aplicativa, respectivamente, passaram a ter intervalos, graças aos quais permitem a ocorrência do afixo do progressivo *-ku-*. Outra consequência decorrente da incorporação dos morfemas acima referidos é a adição de argumentos internos à estrutura argumental dos predicados, que são: *kumpanda* ‘no quintal’, em (g), e *buledi* ‘pão’, em (h). Assim, os tipos de situação passam a ser interpretados como Processos.

Finalmente, em (5) – (6), na Tabela 2, estão exemplos de Estados, representados pelas formas verbais *kufunda* ‘estar quente’ e *kukwiya* ‘estar zangado’, respectivamente. Os Estados, diferentes de outras eventualidades, caracterizam-se por não ser dinâmicos e não conter fases, portanto, são [-ADD TO]. Em (5) e (6), apresenta-se a estrutura aspectual dos Estados em referência:

(5) *kufunda* ‘estar quente’ [SQA] + [-ADD TO]

(6) *kukwiya* ‘estar zangado’ [SQA] + [-ADD TO]

Contudo, à semelhança do que aconteceu com outras eventualidades, os Estados aqui descritos foram convertidos em Processos, na segunda coluna, cujos exemplos se indicam em (5’) e (6’).

(5’) *kufunditsa* ‘aquecer’ [SQA] + [+ADD TO] + [SQA]

(6’) *kukwiyilana* ‘zangar-se mutuamente’ [SQA] + [+ADD TO] + [SQA]

Conforme se pode verificar, em (5’), a incorporação do morfema de extensão causativo *-its-* na estrutura verbal resultou na forma verbal *kufunditsa* ‘aquecer’, que tem o traço de dinamicidade [+ADD TO]. Associado a isso, na estrutura argumental do predicado, para além do lugar do argumento externo, já previsto, adicionou-se mais um lugar reservado ao argumento interno. Desta forma, a situação passa a ser interpretada como um Processo.

Por outro lado, em (6’), em consequência da incorporação na estrutura verbal dos morfemas de extensão aplicativo *-il-* e recíproco *-an-*, constituiu-se a forma verbal *kukwiyilana* ‘zangar-se mutuamente’, que também ganhou o traço de dinamicidade [+ADD TO]. Mais uma vez, a estrutura argumental do predicado passa a contar com mais um lugar (de argumento interno), que se vem juntar ao lugar do argumento externo, já previsto. A eventualidade é, assim, interpretada como um Processo. Os exemplos que se seguem ilustram as diferentes operações aqui em (i) e (j).

(i) *Amayi akufunditsa cakudya* ‘a mãe está a aquecer comida’ (Processo)

[+SQA] + [+ADD TO] + [-SQA]

(j) *Amayi ndi abambo akukwiyilana* ‘a mãe e o pai estão a zangar-se mutuamente’

[+SQA] + [+ADD TO] + [+SQA] (Processo)

Conforme ilustram estas frases, em (i), a incorporação na estrutura verbal do morfema de extensão causativo *-its-* teve como consequência a adição de intervalo, razão pela qual a forma verbal *akufunditsa* integra o afixo progressivo *-ku-*. Além disso, foi associado à estrutura argumental do predicado o SN argumento interno não especificado [-SQA] *cakudya* ‘comida’, que co-ocorre com o

SN argumento externo determinado [+SQA] *amayi* ‘a mãe’. A eventualidade assim estruturada é durativa, atética e, portanto, um Processo.

A construção em (j), por seu turno, incorpora na estrutura da forma verbal os morfemas de extensão aplicativo *-il-* e recíproco *-an-*, os quais despoletam modificações no verbo, do ponto de vista aspectual, designadamente: o verbo passa a ter intervalo, o que lhe permite incluir o afixo do progressivo *-ku-*, e, paralelamente a isso, é adicionado à estrutura argumental do predicado o SN argumento interno, desta feita determinado [+SQA], o qual se junta ao SN argumento externo também determinado [+SQA]. Esta estrutura tem a particularidade de os dois SNs *amayi* ‘a mãe’ e *abambo* ‘o pai’ funcionarem como argumento externo (sujeito) e argumento interno (objecto), em virtude de a acção estar a ser movida de forma recíproca. Seja como for, a eventualidade daqui resultante é, tal como a anterior, atética e dinâmica, tendo, por isso, a interpretação de Processo.

Depois de feita a descrição da forma como os Processos Culminados, as Culminações e os Estados se convertem em Processos, de seguida apresentam-se dados que ilustram a transformação de Processos, Processos Culminados e Culminações em Estados.

TABELA 3: Transformação de Processos, Processos Culminados e Culminações em Estados

Eventualidades de base	Eventualidades convertidas
<i>Processos</i>	<i>Estados</i>
(7) <i>kuyenda</i> ‘andar’	<i>kuyendeka</i> ‘susceptível de se andar’
(8) <i>kuwongola</i> ‘endireitar’	<i>kuwongoka</i> ‘estar recto’
<i>Processos Culminados</i>	<i>Estados</i>
(9) <i>kuyambuka nsewo</i> ‘atravessar uma estrada’	<i>kuyambukika</i> ‘susceptível de se atravessar’
(10) <i>kusoma kalata</i> ‘ler uma carta’	<i>kusomeka</i> ‘legível’
<i>Culminações</i>	<i>Estados</i>
(11) <i>kuswa</i> ‘partir’	<i>kusweka</i> ‘estar partido’

Fonte: Autor

A Tabela 3 apresenta exemplos da transformação de Processos, Processos Culminados e Culminações em Estados. Com efeito, em (7) – (8), estão patentes Processos, cuja estrutura aspectual se ilustra em (7) e (8).

(7) <i>kuyenda</i> ‘andar’	[SQA][+ADD TO]	(Processo)
(8) <i>kuwongola</i> ‘endireitar’	[SQA][+ADD TO][SQA]	(Processo)

O Processo, em (7), é representado pelo verbo *kuyenda* ‘andar’, que, conforme se verificou em análises feitas anteriormente é [+ADD TO]. Portanto, é um predicado com o traço dinâmico e atético. Na sua estrutura argumental, esta forma verbal prevê um lugar à sua esquerda, a ser preenchido por um SN argumento externo.

Por outro lado, em (8), o verbo *kuwongola* ‘endireitar’, que também é de Processo, contém os traços dinâmico [+ADD TO] e atético. No entanto, diferente do anterior, este verbo prevê, na sua estrutura argumental, dois lugares, designadamente: um à esquerda, a ser preenchido por um SN argumento externo, e outro à direita, reservado a um SN argumento interno.

No entanto, na segunda coluna da Tabela 3, os Processos descritos em linhas anteriores foram convertidos em Estados, conforme indicam os exemplos em (7') e (8').

(7') *kuyendeka* 'susceptível de se andar' [SQA]+[-ADD TO]

(8') *kuwongoka* 'estar recto' [SQA]+[-ADD TO]

Os dados anteriores mostram que, em (7'), com a incorporação do morfema de extensão pseudo-passivo *-ek-* no verbo de base, obtém-se uma forma verbal derivada *kuyendeka* 'susceptível de se andar', a qual, apesar de manter sua estrutura argumental (lugar de SN argumento externo), perde o traço de dinamicidade, transformando-se em [-ADD TO], o que dá origem a um Estado.

Quanto a (8'), foi igualmente incorporado o morfema de extensão pseudo-passivo *-ok-* no verbo de base, dando origem à forma verbal derivada *kuwongoka* 'estar recto', que se caracteriza por ser não dinâmica [-ADD TO]. Contudo, outra alteração aqui registada é a redução do número de argumentos do predicado, o qual passa a contar apenas com o lugar do SN argumento externo. Com vista a dar conta destas modificações, apresentam-se, alguns exemplos em (k) e (l).

(k) *Njila yoyendeka* 'estrada andável' [-SQA]+[-ADD TO] (Estado)

(l) *Foloko yowongoka* 'garfo recto' [-SQA]+[-ADD TO] (Estado)

A partir destes exemplos, pode-se constatar que, em (k), está-se perante um Estado, caracterizado por não ser dinâmico e não conter fase. Na origem da formação desta eventualidade, está a ocorrência da extensão pseudo-passiva *-ek-*, que transformou o verbo num adjectivo [-ADD TO] *yoyendeka* 'andável', precedido do SN qualificado [-SQA] *njila* 'estrada'.

O Estado presente no exemplo em (l) resulta da mesma operação descrita no parágrafo anterior, ou seja, a incorporação da extensão pseudo-passiva *-ok-* transformou o verbo num adjectivo [-ADD TO] *yowongoka* 'recto', que co-ocorre com o SN qualificado [-SQA] *foloko* 'garfo'. Diferente do número anterior, aqui se registou uma outra consequência da operação, que é o apagamento do constituinte que na estrutura de base funcionava como argumento interno.

Ainda na Tabela 3, em (9) – (10), encontram-se exemplos de Processos Culminados, representados pelas expressões indicadas em (9) e (10).

(9) *kuyambuka nsewo* 'atravessar a estrada' [SQA]+[+ADD TO]+[SQA]
(Processo Culminado)

(10) *kusoma kalata* 'ler uma carta' [SQA]+[+ADD TO]+[SQA]
(Processo Culminado)

Conforme indicado em (9), está-se perante um evento que contém intervalo e ponto de culminação, de tal ordem que só pode ser interpretado como tendo sido realizado, se tiver atingido o ponto de culminação, dando lugar ao estado consequente. Com efeito, *kuyambuka nsewo* 'atravessar a estrada' só pode ser verdadeiro se, e só se, a estrada tiver sido atravessada na totalidade, podendo-se inferir o estado consequente (*nsewo wayambukidwa* 'a estrada está atravessada'). É, portanto, um Processo Culminado, constituído pelo verbo com o traço mais dinâmico [+ADD TO] e dois lugares previstos, designadamente, um SN argumento externo e outro SN argumento interno.

Em (10), também se apresenta um evento com intervalo e ponto de culminação (*kusoma kalata* ‘ler uma carta’), cujas características são idênticas às do evento anterior, i.e., só pode ser encarado como tendo sido realizado, se tiver atingido o ponto de culminação, podendo-se inferir o estado consequente. Assim, *kusoma kalata* ‘ler uma carta’ só pode ser verdadeiro se, e só se, a carta tiver sido lida na totalidade, podendo-se inferir o estado consequente (*kalata lasomedwa* ‘a carta está lida’). É mais um Processo Culminado, que tem na sua composição um verbo com o traço mais dinâmico [+ADD TO] e dois lugares previstos, designadamente, um SN argumento externo e outro SN argumento interno.

No entanto, mediante certas operações, os Processos Culminados descritos acima foram, na segunda coluna da Tabela 3, convertidos em Estados, tal como se ilustra em (9’) e (10’).

(9’) *kuyambukika* ‘ser susceptível de se atravessar’ [SQA] + [-ADD TO]

(10’) *kusomeka* ‘ser legível’ [SQA] + [-ADD TO]

O exemplo em (9’) é revelador de que, com a incorporação no verbo de base do morfema de extensão pseudo-passivo *-ik-*, foi constituída a forma verbal *kuyambukika* ‘ser susceptível de se atravessar’, que, não só perdeu o traço de dinamicidade, passando a ser [-ADD TO], como sofreu a redução do número de argumentos, ostentando apenas um lugar, que é do argumento externo. A eventualidade assim caracterizada é um Estado.

Em (10’), ocorre igualmente um Estado, resultante da incorporação no verbo de base do morfema de extensão pseudo-passivo *-ek-*, que fez surgir a forma verbal *kusomeka* ‘ser legível’, que se caracteriza por ser [-ADD TO], em virtude da perda do traço de dinamicidade. Associado a isso, o número de argumentos também reduziu para um, reservado ao argumento externo. A seguir, em (m) e (n), apresentam-se construções exemplificativas.

(m) *Nsewo woyambukika* ‘estrada atravessável’ [-SQA]+[-ADD TO]

(n) *Kalata losomeka* ‘carta legível’ [-SQA]+[-ADD TO]

De facto, o que se verifica nos dois exemplos é que, face à incorporação do morfema de extensão pseudo-passivo e consequente perda do traço de dinamicidade, as formas verbais transformaram-se em adjectivos: *woyambukika* ‘atravessável’, em (m), e *losomeka* ‘legível’, em (n). Estes adjectivos são qualificadores dos SNs *nsewo* ‘estrada’ e *kalata* ‘carta’, respectivamente, os quais já perderam também a definitude. Situações assim caracterizadas são interpretadas como Estados.

Por fim, em (11), está patente o exemplo de uma Culminação, através da forma verbal *kuswa* ‘partir’. Este tipo de eventualidade, conforme se definiu em secções anteriores, caracteriza-se por ser pontual, i.e., sem intervalo, e com o traço de telicidade. Por outras palavras, as Culminações são constituídas por dois elementos do Núcleo Aspectual, designadamente, ponto de culminação e estado consequente. Considere-se a estrutura aspectual em (11).

(11) *kuswa* ‘partir’ [SQA] + [+ADD TO] + [SQA] (Culminação)

A descrição da estrutura aspectual acima indica que a forma verbal, que é o núcleo da Culminação, é [+ADD TO], prevendo-se, na sua estrutura argumental, dois espaços: um reservado ao argumento externo e o outro a ser preenchido pelo argumento interno.

A Culminação descrita no parágrafo anterior é, no entanto, convertida em Estado, na segunda coluna da Tabela 3, que se apresenta em (11').

(11') *kusweka* 'estar partido' [SQA]+[+ADD TO] (Estado)

Da estrutura em (11'), depreende-se que no verbo de base [+ADD TO] *kuswa* 'partir' foi incorporado o morfema de extensão pseudo-passivo *-ek-*, resultando no verbo derivado *kusweka* 'estar partido', que desta feita é [-ADD TO]. Ainda decorrente da incorporação da extensão, há redução do número de argumentos, com a supressão do SN Agente. Assim, a forma verbal prevê apenas um lugar, a ser preenchido pelo argumento externo, em função da subida do SN Tema para aquela posição. A construção que (o) ilustra as operações aqui descritas.

(o) *m'phika wasweka* 'a panela de barro está partida' [-SQA]+[-ADD TO]

Nesta construção, conforme foi explicado anteriormente, com a incorporação do do morfema de extensão pseudo-passivo, o verbo perde o traço dinâmico, passando a [-ADD TO]. Paralelamente a isso, verifica-se a omissão do argumento que na estrutura profunda era interpretado como Agente e, por conseguinte, a posição de argumento externo é ocupada pelo Tema [-SQA]. Assim, a eventualidade resultante é um Estado, que carece de dinamicidade e não contém intervalo.

CONCLUSÕES

O presente estudo tinha por principal objectivo compreender o papel das extensões verbais na marcação de valores aspectuais em Cinyanja. Da análise feita, pode-se concluir que o Aspecto ocorre composicionalmente em Cinyanja, pois resulta da interacção do significado inerente ao verbo com os demais elementos que ocorrem na frase, com maior destaque para as extensões verbais e os NPs sujeito e objecto.

Assim, os verbos, ao incorporarem na sua estrutura morfemas de extensão, sofrem, não só modificações no domínio sintáctico, mas também ao nível semântico-aspectual, onde (i) Processos Culminados, Culminações e Estados são convertidos em Processos; e (ii) Processos Culminados, Processos e Culminações são transformados em Estados.

Interesses conflitantes

O autor declara não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- BINNICK, R. **Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect.** Oxford: Orxford University Press, 1991.
- COMRIE, B. **Tense.** Cambridge:Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, B. **Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems.** Cambridge:Cambridge University Press. 1985.

- CUNHA, L. F. **As Construções com o Progressivo no Português: Uma Abordagem Semântica.** 1 Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade do Porto, Porto, 1998.
- DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar.** Reidel, Dordrecht Publ. Comp, (1979).
- KENNY, A. **Action, Emotion and Will.** New York. Humanities Press, 1963.
- LYONS, J. **Semantics.** Cambridge:Cambridge University Press, 1977.
- MACALANE, G. L. **Tempo e Aspecto em Cinyanja.** 1993. Monografia (Licenciatura em Ensino do Português) – Faculdade de Línguas do Instituto Superior Pedagógico de Maputo,1993.
- MACALANE, G. L. The Compositional Aspect in Cinyanja. **10th Lasu Conference.** University of Lesotho, 2009.
- MATSINHE, S. F. **Pronominal clitics in Tsonga and Mozambican Portuguese: a comparative study.** London: University of London, 1998.
- MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOENS, M. Tense, Aspect and Temporal Reference. 1987. Tese (Doutoramento em Semântica Formal) – University of Edinburgh, 1987.
- MOURELATOS, A. Events, Processes and States. **Linguistics and Philosophy.** ,.3. v.2. 1978. pp.415 – 431.
- SMITH, C. **The Parameter of Aspect.** Dordrecht. Kluwer Academic Publishers, 1991.
- VERKUYL, H. Aspectual Classes and Aspectual Composition.**Linguistics and Philisophy,** n.1. v.12, 1989. pp.39 –94.